

Considerações finais

O objetivo de nossa pesquisa foi investigar de que forma os entrevistados constroem a configuração familiar chamada homoparental a partir do ponto de vista da co-parentalidade. Para fins de análise, usamos o Método de Explicação do Discurso Subjacente (MEDS), de Nicolaci-da-Costa (2007), a fim de evitar categorias pré-definidas, já que a investigação a respeito da co-parentalidade homoparental é ainda muito recente no Brasil. Com isso, foi possível criar categorias baseadas no cruzamento de informações obtidas durante as entrevistas e, traçando um paralelo com a fundamentação teórica *queer*, delinear algumas conclusões.

Nossos sujeitos foram três companheiros de pais homossexuais que estavam vivendo a experiência da co-parentalidade com parceiros do mesmo sexo pela primeira vez. A idade dos entrevistados variou entre 19 e 31 anos, todos da classe média, moradores de uma cidade do interior do estado do Rio de Janeiro. A razão de não ser informado o nome da cidade se deve ao fato da possibilidade de identificação destas famílias ao longo deste trabalho, caso esta fosse revelada.

As principais conclusões apontam para um certo desconforto da maior parte dos entrevistados em relação à rede social mais ampla, no sentido de busca de aceitação desta configuração familiar, ao mesmo tempo em que o fato de não serem pais parece aumentar o estigma social da homossexualidade para estes sujeitos.

Portanto, ao engendrarmos a desconstrução de identidades estanques, buscaremos melhorar não só a qualidade de vida de famílias constituídas por pessoas do mesmo sexo, com filhos oriundos de relações heterossexuais anteriores, como também tentaremos contribuir para a mais fácil assimilação por partes das crianças desta nova realidade. Isso porque a identidade homossexual foi uma invenção do século XIX, onde relações que antes eram taxadas como sodomitas passam a ser categorizadas e consideradas desviantes da norma social vigente, tendo obviamente como consequência a segregação dos que se enquadravam nesta nova identidade social. O que observamos em nossa pesquisa,

apesar do ainda bastante presente preconceito internalizado nos homossexuais, é que a noção estanque desta identidade, notadamente na geração mais jovem, parece se modificar, ainda que timidamente. Em todos os sujeitos notamos bastante marcado um questionamento sobre a idéia de uma comunidade homossexual e o desejo de rompimento com esta forma hermética e homogênea de se relacionar. Há uma nova atitude em relação ao que nossos entrevistados entendem como identidade homossexual e esta nova postura passa a determinar um novo olhar para esta comunidade. O que antes era visto como necessário - decidir entre permanecer na sombra ou assumir-se - aos poucos parece transformar-se em um sentimento mais coletivo, onde esta comunidade, antes de ser porto de acolhida e suporte, começa a ser vista uma alternativa auto-segregante. Contudo, atentando também para o discurso de nossos participantes, é nítido que ainda falta a clareza de objetivos definidos nesta nova forma de se viver afastado de uma comunidade fechada em uma identidade cristalizada: qual o modo de agir? Como reorganizar o universo interno de cada um diante da fluidez de um conceito identitário que até agora era tão poderoso e internalizado em cada um deles? O que concluímos é que este dilema, ao contrário de gerar conflitos, parece ser estimulante e contribuir para uma produção afetiva a partir de um outro lugar que não passa pelo de homossexual excluído e vitimizado. Através da análise de conteúdo do discurso dos sujeitos foi possível, portanto, verificar que o binarismo hetero/homossexualidade pouco responde às questões do estudo da homoparentalidade, já que a orientação sexual dos pais nada interfere no exercício da paternidade.

Para além da sexualidade de nossos participantes, esta nova visão a respeito de si mesmo aponta para uma mudança bem maior do que simplesmente a reavaliação de uma identidade sexual: o prazer passa a ser redimensionado e todos os campos da subjetividade do sujeito passam por uma reformulação, uma vez que deixam de atuar em dualismos, deslocando o indivíduo de uma posição vitimizadora e oprimida e igualando-o com aquele que antes era considerado o opressor, pois também era visto como tendo uma identidade sólida. Para tanto, este último também deixa de ser o “vilão”. Assim, ao invés de mostrar uma saída, esta nova postura pós-identitária, formulada pela teoria *queer*, propõe que se repense as identidades já naturalizadas e como elas chegaram a tal ponto. Enfim, a referida teoria propõe uma nova postura diante da vida e de si mesmo, tão bem

resumida por Felipe, de forma muito mais brilhante do que qualquer academicismo poderia conseguir:

“Se ele é artilheiro, eu também quero sair do banco”.